

**ELIZABETH DE SOUSA LIMA**

**Psicopedagogia**

**ESTRATÉGIAS DE ENSINO PARA O DESENVOLVIMENTO DA  
APRENDIZAGEM DE ESCOLARES COM DISLEXIA**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Geovaní Soares de Assis**

**Universidade Federal da Paraíba**

**JOÃO PESSOA  
2014**

## **ESTRATÉGIAS DE ENSINO PARA O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DE ESCOLARES COM DISLEXIA**

### **RESUMO**

O artigo ora apresentado é resultante de uma pesquisa, do tipo levantamento de dados, realizada junto à docentes que atuam na rede privada de ensino fundamental da cidade de João Pessoa, cujo objetivo consistiu em investigar as estratégias de ensino para o desenvolvimento da aprendizagem de escolares com dislexia. Partindo de um olhar voltado para as questões metodológicas que envolvem os professores de alunos com esse distúrbio, procuramos descrever as estratégias de ensino utilizadas por docentes para com esse aluno; como é feita as atividades e as avaliações do sujeito disléxico, além de oferecer sugestões com relação a prática pedagógica docente que possam contribuir para a melhoria do aprendizado dos alunos com dislexia. Participaram da pesquisa cinco professores de grandes escolas particulares de João Pessoa na Paraíba. O instrumento utilizado foi um questionário estruturado com nove questões, as quais estavam voltadas para as questões de ensino do professor para com o aprendente disléxico. Os resultados indicaram que a maioria dos professores que fizeram parte da pesquisa sabe como trabalhar com o aluno disléxicos, as estratégias de ensino utilizadas pelos mesmo estão em sintonia com os descrito pela literatura. Conclui-se, então, que tais resultados pode reforçar a contribuição no tocante ao ensino de alunos com dislexia, além de está contribuindo na atuação psicopedagogia institucional.

**Palavras-chave:** Aprendizagem. Escolares. Dislexia.

### **INTRODUÇÃO**

Entende-se por dislexia uma dificuldade de aprendizagem específica, que afeta a leitura e a escrita e tem origem na maioria dos casos, numa dificuldade fonológica, ou seja, em segmentar os sons da fala nas suas unidades mínimas dos fonemas e fazer a associação entre os grafemas ou letras. É uma questão de funcionamento neurológico, que pode ser considerado não como uma deficiência, mas como um modo de funcionamento diferenciado, podendo-se dizer também que é um jeito de ser e de aprender individual de uma mente, muitas vezes arguta e genial, mas que aprende de maneira diferente (ROTTA, 2006).

O fato de o disléxico aprender de modo diferente exige dos professores que façam uso de estratégias de ensino diversificadas para atender as suas necessidades. Em Face desta realidade pretende-se com este trabalho encontrar respostas ao seguinte questionamento: quais as estratégias de ensino utilizadas pelos professores para o desenvolvimento da aprendizagem de escolares disléxicos? Como a dislexia é um distúrbio muitas vezes confundido com preguiça e desatenção, queremos a partir desse estudo dá uma ênfase maior sobre as formas de ensino utilizadas por professores de algumas escolas da rede privada de João Pessoa que tiveram ou tem alunos com dislexia.

Estudos mais recentes constataram que existe um grande numero de disléxicos nas escolas do Brasil, no entanto, grande parte de professores não tem o conhecimento mais aprofundado a respeito desse distúrbio, além de não saber como lidar com o aluno com dislexia. Portanto, surge o

desejo de entender melhor essa questão, para tanto, se faz necessário realizar um trabalho investigativo no tocante ao tema (ALVES, 2011).

Sendo assim, o presente trabalho tem como principal objetivo investigar as estratégias de ensino utilizadas por docentes para o desenvolvimento da aprendizagem em disléxicos da rede privada de João Pessoa. Para a consecução de tal objetivo pretendeu-se identificar em algumas escolas que trabalham com disléxicos as seguintes questões: descrever as estratégias de ensino utilizadas por docentes para com esse aluno; como é feita as atividades e as avaliações do sujeito disléxico, além de que os mesmos possam sugerir algo que pudesse contribuir para a melhoria do aprendizado dos alunos com dislexia.

O nosso artigo consta da seguinte estruturação: resumo onde será mostrado ao leitor o conteúdo da escrita; introdução na qual apresentaremos à temática, a problemática, os objetivos, a contribuição científica e social do estudo; A base conceitual, na qual apoiando-se na literatura pertinente à temática discorreremos sobre os processos de aprendizagem; a relação professor/aluno e o sucesso para o aprendizado; Caracterização da dislexia e estratégias de ensino para alunos com dislexia; a Psicopedagogia no Brasil e sua atuação institucional, procedimentos metodológicos, onde estaremos caracterizando o modo como foi realizado todo o estudo; resultados e discussões, iremos discutir sobre os resultados obtidos na pesquisa.

## **OS PROCESSOS DA APRENDIZAGEM**

Para compreender a aprendizagem e seus diversos processos e contexto, iniciaremos conhecendo a palavra aprender que, deriva do latim *aprehendere*, significa agarrar, pegar, apoderar-se de algo. Partindo dessa ideia, podemos conceber a aprendizagem como um processo no qual a pessoa “apropria-se de” ou torna seus certos conhecimentos, habilidades, estratégias, atitudes, valores, crenças ou informações (NUNES; SILVEIRA, 2009). Além disso, podemos considerar a aprendizagem como sendo uma construção singular e que vai transformando as informações em conhecimento (PORTO, 2007).

O processo da aprendizagem se dá no sistema nervoso central (SNC). No que se refere aos processos do aprendizado, existe uma interface entre duas áreas de atuação a educação e a saúde. Nessa perspectiva Riesgo (2006, p. 21) enfatiza que:

Na primeira, agem os educadores, orientadores educacionais, pedagogos e psicopedagogos; na segunda, atuam pediatras, neurologistas, neuropediatras, psicólogos, psiquiatras da infância e adolescência, fonoaudiólogos, psicomotricistas, fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais, entre outros. A rigor, essa interface entre saúde e educação, na qual o assunto é o aprendizado normal e seus principais problemas, poderia ser denominada neuropedagogos.

Diante do que está sendo visto o profissional mais adequado dentro da abordagem médica é o neuropediatra, pois se trata do profissional em melhores condições para abordar os funcionamentos psiconeurológicos do aprendiz (ROTTA, 2006).

A aprendizagem é gradual, isto é, vamos aprendendo pouco a pouco, durante toda nossa vida. Portanto, ela é um processo constante e contínuo. Cada indivíduo tem seu ritmo próprio de aprendizagem (ritmo biológico) que, aliado ao seu esquema próprio de acaso, irá construir sua individualidade.

É importante lembrar que existem em média sete fatores fundamentais para que a aprendizagem se efetive, são eles: saúde física e mental, motivação, prévio domínio, maturação, inteligência, concentração ou atenção e memória. Esse conjunto de elementos, Bruner chamou de prontidão para a aprendizagem.

Nunes e Silveira (2009, p. 75), em seus estudos, afirmam que:

A aprendizagem consiste no processo de elaboração de categorias por parte dos indivíduos, através das quais eles selecionam, organizam e transformam as informações obtidas na interação com o meio. Deste modo, o aluno constrói o conhecimento criando categorias ou modificando aquelas que já existem em sua estrutura cognitiva. Esta é fundamental na aprendizagem, por construir-se de modelos e esquemas mentais prévios do aluno, que o ajudarão a significar e a integrar novas informações.

Ainda nesse sentido, Bruner refere-se ao processo da aprendizagem como sendo a captação das relações entre os fatos, adquirindo novas informações, transformando-as e transferindo-as para novas situações. Sendo assim, a aprendizagem deve ser vista pelo outro como um ato de expressão revestido de significados e não simplesmente como uma habilidade mecânica que deverá ser desenvolvida (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA 2009).

Na visão de Freud, o aprendiz se dá pelo desejo de aprender, ou seja, é um movimento vital em direção ao saber. A aprendizagem ocorre graças ao desejo de aprender, que se constitui numa relação com o outro, podemos dizer que a relação professor-aluno é marcada pela situação transferencial. O desejo de aprender move o aluno em direção ao conhecimento, à busca constante de um saber.

Nessa perspectiva Nunes e Silveira (2009, p. 63) salientam que:

O lugar do mestre, então atualiza vivências no aluno com protótipos infantis e com lugares de autoridade. Podem surgir sentimentos amigáveis, de respeito, direcionado ao professor, assim como sentimentos hostis. Em ambas as situações o professor, que também está submetido às leis do inconsciente, deve ter cuidado para não entrar em campos que fugiriam de seu papel de docente.

Portanto, a aprendizagem traz consigo a possibilidade de algo novo incorporando ao conjunto de elementos que formam a vida do indivíduo, e está inevitavelmente ligada à história do

homem, a sua construção enquanto ser social com capacidades de adaptações as novas situações. Desde sempre se ensinou e aprendeu, de forma mais ou menos elaborada e organizada.

Não podemos desconsiderar o papel da família no processo da aprendizagem, pois a mesma exerce uma função primordial nesse aspecto. A escola e a família promove um processo de desenvolvimento, que é a parte da formação do sujeito aprendente, o estudante que é a peça principal, torna-se o elo entre a escola e a família, desse modo, deve haver uma reciprocidade pelas duas partes que se constitui, como família e escola (CHUSTE, 2004).

A família é o primeiro contato da criança, depois a sociedade e a escola, portanto, quando a criança chega na instituição de ensino, ou seja, na escola, ela já traz de casa alguns costumes, valores herdados da família e isso pode está ligado no processo de aprendizagem da criança. Segundo Chuster (2004, p. 193) “A dimensão social do processo de ensino-aprendizagem, refere-se principalmente à transmissão dos valores próprios e significados de uma determinada cultura”. Nessa perspectiva o citado autor (2004, p.196), ao falar da escola, salienta que “a escola é o local no qual, tanto a criança quanto o adolescente, tem a oportunidade de vivenciar novas experiências, estabelecer novos contatos, ampliar e construir grande parte de seu processo de desenvolvimento”.

A participação da família na escola é importante não apenas para matricular o filho ou pegar o boletim, mas se faz essencial nos grupos de pais e de alunos, pois a escola é um ambiente diferente da família, ou seja, é um local onde se gera novas experiências tanto para a criança/aluno, quanto para os pais (CHUSTE 2004). Sendo assim, mais adiante estaremos abordando alguns aspectos das dificuldades de aprendizagem e a relação professor aluno.

## **A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO E O SUCESSO PARA O APRENDIZADO**

Nos dias atuais, muito se tem falado em distúrbios ou dificuldades de aprendizagem e as causas pela qual as mesmas acontecem e em muitos casos procura-se por culpados de tal problema. Percebi-se um jogo, onde ora se culpa a criança, ou a escola, ou o professor, ou até mesmo a família ou o sistema, mas será mesmo que existe um culpado para a não-aprendizagem? (PORTO, 2007).

Porém, a aprendizagem deve está cheia de sentido para que a criança se debruce sobre ela, deve ser de pleno significado, tanto para a criança quanto pro ensinante. A criança, assim como o adulto, aprende para encontrar um significado naquilo que está aprendendo, desse modo, o fácil e o difícil podem ser determinado pela dificuldade de se encontrar e tais dificuldades podem está próxima das vivencias e conflitos do individuo, para tanto a afetividade é de grande relevância para se aprender.

Um dos elementos essenciais da aprendizagem é o afeto, pois, ele influencia a vontade de o sujeito aprender, ou seja, a pessoa estando se sentido segura aprende com mais facilidade. É nesse contexto que Porto (2007, p. 44) faz a seguinte afirmativa:

O afeto é também um regulador da ação, influenciando na escolha de objetos específicos e na valorização de determinados elementos, eventos ou situações pelo indivíduo. Assim as emoções básicas – amor, ódio, tristeza, alegrias ou medo – direciona o comportamento do indivíduo para buscar ou evitar contato de certas pessoas ou experiências.

Sendo assim, o professor tem um papel fundamental, o de fazer a criança se sentir segura, ou seja, ele deve encorajar a criança ao descobrir o conhecimento, principalmente aquelas que apresentam um significativo atraso no aprendizado, uma relação afetuosa entre professor aluno e aluno professor, tende a favorecer um melhor aprendizado (PORTO, 2007).

A motivação é um fator que deve ser considerado na trajetória da aprendizagem, pois, sem motivação não há aprendizagem, sendo estabelecida uma boa relação entre professor e aluno se ambos estiverem motivados para aprender e ensinar, é fato que dessa maneira caminhar em compasso semelhante tornam-se mais prazeroso o aprendizado. A caracterização da dislexia é o que estaremos abordando a seguir.

## **CARACTERIZAÇÃO DA DISLEXIA SEGUNDO A LITERATURA**

A Associação Internacional de Dislexia define a dislexia como “um distúrbio específico da linguagem de origem constitucional caracterizado pela dificuldade em decodificar palavras simples”. Mostra-se uma insuficiência no processo fonológico (MAIA, 2011). A dislexia foi descrita pela primeira vez no ano de 1896 e foi inicialmente nomeado como cegueira verbal. Em 1925 o Dr. Orton, neurologista americano propôs o termo “dislexia específica” ou “distúrbio específico de leitura” (ALVES; MOUSINHO; CAPELLINI, 2011).

Segundo Rotta (2006, p. 151) “o termo dislexia está reservado ao nível grave dos transtornos da aprendizagem que diferentemente dos transtornos leves e moderados, não é possível a cura”. A mesma obra relata que a população de disléxicos está acentuada entre 10 a 20% da população mundial, sendo que entre os quais 60 a 80% são do sexo masculino, ou seja, há uma prevalência maior em meninos mais do que em meninas.

Na literatura encontramos duas explicações para o surgimento da dislexia, a primeira é que a dislexia é hereditária, ou seja, é um distúrbio com evidencia genética que surge por está associada às diferenças funcionais no hemisfério esquerdo do cérebro, já a segunda é que pode ser por decorrência de uma lesão cerebral, neste caso, configura-se por ser uma dislexia adquirida (ROTTA 2006). Nas questões referentes à genética, estudos apontam para a relação entre o padrão de herança e a dislexia do desenvolvimento, ou seja, crianças cujos pais possuem problemas de leitura teriam maior probabilidade de apresentarem esse transtorno (SELIKOWITZ, 2001).

O termo dislexia está reservado ao nível grave dos transtornos da aprendizagem que, diferentemente dos transtornos leves e moderados, não é possível a cura e é um problema persistente até a vida adulta. Sendo assim, uma pessoa disléxica será sempre disléxica, porém com grandes chances de sucessos acadêmicos dependendo apenas da força de vontade do mesmo e acompanhamento adequado por parte de alguns profissionais da educação e saúde (SELIKOWITZ, 2001).

## **ESTRATÉGIAS DE ENSINO PARA ALUNOS COM DISLEXIA**

Segundo a Associação Brasileira de Dislexia (ABD), a identificação poderá ser feita nos primeiros anos de vida acadêmica, ou seja, provavelmente na fase de alfabetização, mas como podemos identificar uma criança disléxica? Algumas observações são muito importantes como, por exemplo, as palavras mal pronunciadas, fraco desempenho da atenção, atraso no desenvolvimento da fala e da linguagem, dificuldades em aprender rimas e canções, fraco desenvolvimento da coordenação motora, dificuldade com quebra cabeça, falta de interesse por livros impressos, dificuldades com conceitos temporais e espaciais básicos como ontem, amanhã, direita, esquerda, geralmente crianças com esse distúrbio sentem dificuldades na identificação das letras do seu próprio nome.

Já em crianças maiores é necessário que seja observado se ela tem um pobre conhecimento de rimas, dificuldade na aquisição e automação da leitura e escrita, desatenção e dispersão, dificuldade em copiar de livros e da lousa, dificuldade na coordenação motora fina (desenhos, pinturas) e/ou grossa (ginástica, dança, etc), desorganização com seus materiais e retardamento nas entregas dos trabalhos escolares, dificuldade em manusear mapas, dicionários, listas telefônicas, etc.

Geralmente essas crianças possuem vocabulário pobre, com sentenças curtas e imaturas ou sentenças longas e vagas, dificuldade na memória de curto prazo, como instruções, recados, etc, dificuldades em decorar sequências, como meses do ano, alfabeto, tabuada, etc, dificuldade na matemática e desenho geométrico, dificuldade em nomear objetos e pessoas, troca de letras na escrita, dificuldade na aprendizagem de uma segunda língua, problemas de conduta como: depressão, timidez excessiva, bom desempenho em provas orais (ALVES; MOUSINHO; CAPELLINI, 2011).

Tendo em vista que os principais sintomas da pessoa com dislexia é a grande dificuldade que o sujeito tem de ler e escrever, estudos relatam que muitas crianças disléxicas tem inteligência acima da media, portanto o seu grande problema é com os símbolos, ou seja, com as letras. “A criança pode ter uns problemas na percepção de letra na ordem correta ou confunde letra de formato similar, como b com d e p com q” (CHAMAT, 2008, p.62). Nesse sentido, a dislexia poderá se

apresentar em três graus, conforme cada situação específica, compreendendo leve, moderada e severa.

Ainda, segundo o autor citados anteriormente (2008, p. 63), deve-se fazer um trabalho voltado para a área biopsicossocial de forma integrada.

**BIO:**

- Exercícios de estimulação da discriminação visomotora, coordenação visomotora e espaço/temporal;
- Exercícios específicos e jogos para trabalhar os emergentes e os déficits psicopedagógicos;
- Trabalho com as dificuldades específica de forma lúdica.

**PSICO:**

- Trabalhar o fracasso, autoestima, perseverança, frustração do não-aprender, o vínculo e uso da inter-relação e jogos (trabalho do psicólogo).

**SOCIAL:**

- Trabalhar a família; orientar e eliminar os 3 Ds: depósito, depositante e depositário (VISCA, 1987).
- Trabalhar a forma integrada, assim como a vincular e o cognitivo; além disso, pesquisar suas relações sociais, principalmente as pertinentes ao aspecto de cooperação e sociedade;
- Trabalhar o fracasso familiar.

Assim sendo, cabe lembrar que os trabalhos a serem feitos com a pessoa disléxica, deverá ser realizada em conjunto com profissionais das áreas afins, ou seja, uma equipe que envolva todas as questões discriminadas.

A dislexia é comumente confundida por pais e professores como QI baixo, sendo que a maioria das crianças disléxicas tem o QI médio ou acima da média, porém muitas vezes são taxados como sendo lentos ou preguiçosos. Se a criança for diagnosticada precocemente, existem grandes chances de que ela possa sofrer menos no seu aprendizado, mas caso contrario isso pode acarretar fortes traumas. Desenhos, rabiscos e contornos; cópia; reprodução de letras e números são dicas que a literatura dá como forma de ajudar uma criança com dislexia em seu desenvolvimento acadêmico (CHAMAT, 2008).

Estudos nos mostram também que o aluno com dificuldades fonológicas, bastante comum em pessoas disléxicas, necessita de atividades diversificadas que irão possibilitar melhor o aprendizado. Nessa perspectiva recorreremos a Ferrell (2008, p.45) no que diz:

O aluno pode ser ensinado a ter maior consciência dos sons e sequencias de sons que transmitem significado na fala e a utilizá-los na linguagem falada. Ao falar, ele pode praticar sons que frequentemente não percebe, tais como em inícios e finais de palavras.

Utilizando o mesmo exemplo que foi falado acima, para a prática da compreensão oral, o aluno pode perceber o som principal da palavra que muda o seu significado, ou seja, o aluno pode ser ensinado a ouvir e reconhecer o som no final da palavra quando ela expressa pluralidade. De uma forma mais lúdica, pode-se também usar figuras que expressem o mesmo significado, como

por exemplos: uma imagem representando um animal e outra representando vários animais, daí torna-se algo mais visível para o aluno disléxico.

Os estudos de Ferrell (2008, p. 46) nos mostra que:

O ensino e a aprendizagem multissensorial podem ajudar nas dificuldades de processamento auditivo. Se uma criança com dislexia acha mais fácil aprender apenas ouvindo a linguagem falada, ela pode ser acompanhada por informações que envolvem outras modalidades, como visual, sinestésica e tátil. Essa é uma boa prática para todos os aprendizes, mas pode ser particularmente útil para os alunos com pontos fracos em um determinado, pois outros modos podem reforçar a aprendizagem no estilo menos eficiente.

Sendo assim, os escolares que apresentam dislexia, falham em atividades que requerem o uso das habilidades fonológicas, pois apresentam dificuldades em acessar e recuperar informações fonológicas essenciais para o bom desempenho em tarefas de leitura oral e de escrita por meio de ditado de palavras. Pesquisa realizada por Alves, Mousinho e Capelline (2011, p. 27) a respeito da frequência escolar de pessoas com dislexia revela que:

[...no grupo de zero a seis anos de idade, apenas 44,5% frequenta a escola. No subgrupo de quatro a seis anos de idade, o percentual é de quase 78% e, no grupo de 15 a 17 anos, a taxa de frequência é aproximadamente de 82,1%. Ressalta-se que, do grupo de 15 a 17 anos, apenas 48% estavam cursando o ensino médio, demonstrando uma grande defasagem série/idade. Essa taxa de distorção série/idade também atinge o ensino fundamental, e, de acordo com os dados das pesquisas do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica – Saeb, 59% dos alunos brasileiros chegam à 4ª série do ensino fundamental sem terem desenvolvido competências e habilidades elementares de leitura.

De acordo com os referidos autores, é necessário que se faça um trabalho especializado e com uma equipe multidisciplinar, e que também a família esteja envolvida em todo processo. Ressalva também, que não é um trabalho fácil e/ou rápido, porém é um trabalho que exige esforço, paciência e determinação principalmente por parte da família, que é os que tornam-se mais ansiosos por uma resposta positiva.

## **A PSICOPEDAGOGICA NO BRASIL E SUA ATUAÇÃO INSTITUCIONAL**

O surgimento da psicopedagogia se deu conforme o surgimento da demanda, sabendo que o seu grande auge ocorreu nos anos 70, década em que chegou ao Brasil vindo de países como a Argentina que teve grande influência da Europa onde a psicopedagogia tinha um caráter médico. (BOSSA, 2000).

Segundo Porto (2007, p. 11) referindo-se a Psicopedagogia institucional, ressalva que:

O trabalho na instituição escolar apresenta a seguinte natureza: diz respeito a uma Psicopedagogia voltada para o grupo de alunos que apresenta dificuldades na escola. O seu objetivo é reintegrar e readaptar o aluno às situações de sala de aula, possibilitando o respeito às suas necessidades e aos ritmos. Tem como meta desenvolver as funções

cognitivas integrando ao afetivo, desbloqueando e canalizando o aluno gradualmente para a aprendizagem dos conceitos conforme os objetivos da aprendizagem formal.

Seguindo a linha de pensamento de Porto (2007), não se deve retirar o aluno de sala para a realização de alguma atividade que seja proposto para o grupo, o que deve ser feito é adaptar o aluno para a realidade ou adaptar a própria atividade para o mesmo. Ainda nesse sentido, quando se tira um aluno de sala para ser realizada uma atividade proposta para o grupo de alunos, passamos a excluí-lo, onde o nosso trabalho está voltado para a inclusão e não para a exclusão.

Ainda voltada para as questões escolares e o aluno com dificuldades de aprendizagem, queremos resaltar que ainda na atualidade existem casos em que a escola não dá importância as dificuldades da criança e a própria criança passa a desenvolver suas próprias habilidades, como bem coloca Chuste (2004, p.191):

Algumas instituições escolares preocupada com o produto final (representada pelas notas ou conceitos) deixam para segundo plano o processo da criança na construção do saber. Ao sentir-se com dificuldades em aproximar os seus resultados as metas atingidas pelo grupo, a criança portadora do sintoma trona-se mais uma vez impossibilitada de diferenciar-se em suas competências e dificuldades, de ouvir e ser ouvida, e assim pode desenvolver as suas potencialidades individuais.

Nesse sentido, o fracasso escolar pode está ligado aos problemas de aprendizagem, de modo que pode afetar o sujeito em sua totalidade, deixando marcas no seu emocional pelo fato de não poder corresponder as expectativas dos pais “É certo que muitas vezes, o “*fracasso escolar*” pode intervir como fator desencadeante de um “*problema de aprendizagem*” que de outro modo não teria aparecido” (FERNÁNDEZ 2008).

Para que se trabalhe a questão do não êxito na escola, não é preciso concentrar a atenção exclusivamente no aluno, mas sim em toda a escola. Esse é o papel do Psicopedagogo institucional, no que se refere ao fracasso escolar, é preciso um olhar diferenciado no professor, na equipe que comanda a escola, no aluno e também na família (FERNÁNDEZ 2008).

A Psicopedagogia não está limitada apenas às dificuldades de aprendizagem, mas se faz necessário que o profissional procure saber o que significa o aprendizado para o sujeito/aluno, para sua família e também para a escola no sentido de que, entendam o porquê do não aprender, nessa perspectiva Porto (2007, p. 19) afirma que, “Considerando os fatores implicados no processo de aprendizagem, pode-se pensar no papel de psicopedagogo com relação às dificuldades de aprendizagem”.

Portanto, o Psicopedagogo pode ser a peça fundamental na mediação da aprendizagem e suas implicações no sujeito enquanto aprendente (PORTO, 2007). Não há como ignorar os conflitos existentes nesse contexto, já que a escola é um ambiente que nos possibilita o conhecimento e passamos por um processo de construção e apreensão do que está sendo proposto pela instituição.

Mesmo a psicopedagogia sendo uma área nova no Brasil e sua regulamentação ainda não está executada, percebe-se a sua importância no tocante ao aprendizado, pois, é notório as contribuições que esse profissional pode trazer para a sociedade, principalmente nas questões da aprendizagem (PORTO, 2007).

## **PERCURSO METODOLÓGICO**

### **DELINEAMENTO**

Para a construção desse artigo fez-se necessário a realização de uma pesquisa, visando essencialmente à produção de novos conhecimentos, como a finalidade de buscar respostas a problemas e indagações teóricas e práticas no processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico (GIL, 2007).

Por tanto, o estudo que desenvolvemos trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois o pesquisador teve como ambiente natural fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave, ou seja, o pesquisador foi fundamental no processo de coleta e análise de dados, por isso não pode ser substituído por nenhuma outra pessoa ou técnica, pois foi ele quem observou, selecionou, interpretou e registrou os comentários e as informações colhidas no campo.

Nesse sentido a pesquisa foi realizada junto a professores da rede privada de ensino da Cidade de João Pessoa que tem em sala alunos com dislexia. Quanto aos objetivos, a pesquisa se caracterizou como descritiva e exploratória sendo que a descritiva tem como objetivo segundo Triviños (1987, p 22) “descrever com exatidão os fatos e fenômenos de determinada realidade”.

Já a pesquisa exploratória tem como finalidade ampliar o conhecimento a respeito de um determinado fenômeno. Segundo Gil (2007, p 47) “O planejamento da pesquisa exploratória é bastante flexível, já que o pesquisador não possui clareza do problema nem da hipótese a serem investigados”.

### **PARTICIPANTES**

A pesquisa foi realizada junto ao um grupo de cinco docentes que atuam no ensino fundamental de algumas escolas privadas, de grande porte, da cidade de João Pessoa, cujo critério de inclusão consistiu em atuarem em escolas em que os discentes apresentam diagnóstico de dislexia e se dispuserem a participar do estudo.

### **INSTRUMENTO**

Para contemplar os objetivos da investigação foi aplicado um questionário composto de perguntas abertas e fechadas que possibilitou aos participantes exporem suas experiências, dificuldades e anseios no tocante a temática pesquisada. A escolha do questionário deveu-se ao fato

de que o mesmo possibilita se obter dados, informações a respeito de determinado assunto (LAKATOS; MARCONI, 1991). Para essas autoras, o questionário é vantajoso entre outros aspectos o de possibilitar atingir grande número de pessoas e, até mesmo, os que estiverem em áreas dispersas geograficamente.

## PROCEDIMENTO

Para a realização da pesquisa percorremos os seguintes passos: primeiramente, fizemos uma seleção de textos teóricos, estudos relacionados à temática pesquisada e em seguida, um levantamento das instituições que trabalham com estudantes disléxicos. Visitamos as escolas, ocasião em que levamos o termo de anuência, com vista a obtermos a permissão para a realização da pesquisa, logo após, junto aos docentes que atendem aos critérios de inclusão, apresentamos o termo de consentimento e solicitamos sua adesão a fim de darmos início a aplicação do questionário.

## ANÁLISE DOS DADOS

Após a coleta de dados estes foram mapeados conforme as categorias: comportamento, atividades, avaliações e sugestões a fim de procedermos a análise qualitativa das repostas dos participantes, por meio da análise de conteúdo, apoiando-se nas orientações de Bardin (2009), e nos apanhados teórico selecionado.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em busca dos resultados, foram coletados informações por meio de um questionário, o mesmo nos serviu como base para almejarmos o objetivo geral que é o de investigar as estratégias de ensino para o desenvolvimento da aprendizagem de escolares disléxicos. Dessa forma, perseguimos os seguintes objetivos específicos: descrever as estratégias de ensino utilizadas por docentes para o desenvolvimento da aprendizagem em disléxicos; verificar se o professor que trabalha com esse aluno recebe assessoramento para organizar as atividades dos mesmos e por fim analisar as estratégias de ensino utilizadas pelos professores de acordo com os descrito pela literatura.

Em seguida, apresentaremos os participantes da pesquisa, bem como, idade; sexo; formação acadêmica; quantidades de escolas que presta serviços e quanto tempo exerce à docência, além disso, apresentaremos os conteúdos do questionário a partir das questões que foram propostas para os profissionais. Sabendo-se, que utilizaremos códigos para a identificação dos educadores como: (prof. A, prof. B, prof. C, prof. D e prof. E), para apropriar-nos melhor dos conteúdos propostos.

Os professores participantes estão na faixa etária de 37 à 48 anos, todos do sexo feminino, no tocante a formação a prof. A e C são formadas em pedagogia com especialização em psicopedagogia, já a prof. B possui duas formações, sendo pedagogia e artes, a prof. D é formada em letras português e a prof. E é formada em pedagogia. Apenas as prof. B e D prestam serviço em duas escolas e as demais em apenas uma. As professoras exercem a profissão entre 07 e 23 anos.

Ao serem indagadas se sentem segurança em trabalhar com o aluno disléxico três responderam que sim e duas não. Assim, observamos que a segurança se faz presente na maioria das professoras, sendo assim, imaginamos que as mesmas passam segurança também para o aprendente, como bem coloca (PORTO 2007). Portanto, o professor tem um papel fundamental, o de fazer a criança se sentir segura, ou seja, ele deve encorajar a criança ao descobrir o conhecimento, principalmente aquelas que apresentam um significado atraso no aprendizado, uma relação afetuosa entre professor aluno e aluno professor, tende a favorecer um melhor aprendizado.

Em relação a receber apoio de algum profissional para a elaboração das atividades do aluno com dislexia, três docentes responderam que não recebem e dois que recebem, sendo que uma recebe da supervisora e a outra da psicóloga.

Nesse sentido, observamos que o apoio para a elaboração de atividades para o aluno disléxico deve ser acompanhado por profissionais que entendam do assunto, de modo que possa contribuir para o aprendizado do sujeito disléxico e o profissional mais indicado seria um psicopedagogo, tendo em vista que o mesmo está capacitado para tal desempenho (PORTO 2007). enfatiza que, o Psicopedagogo escolar estar voltada para alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem e que o seu objetivo é reintegrar e readaptar o aluno em situações de sala de aula.

Em se tratando de ter dificuldades em trabalhar com o aluno disléxico, três docentes afirmaram que sim e dois que não. Desse modo, observamos que a maioria das professoras sente dificuldades em trabalhar com aluno disléxico, é bem verdade que não é fácil desenvolver um trabalho com esse tipo de aluno, tendo em vista que ele tem um jeito singular de aprendizagem, ou seja, o disléxico aprende de maneira diferente, é preciso que sejam propostas para tais alunos atividades diferenciadas. Muitos educadores sentem dificuldades em trabalhar com esses alunos por não ter conhecimento do distúrbio, neste caso sem ajuda de um profissional como o psicopedagogo torna-se inviável o aprendizado desse aluno, já que o mesmo não possui habilidades típicas de aprendizagem (CHAMAT, 2008).

No tocante a presença dos familiares a respeito da educação da criança com dislexia apenas as professoras A e C afirmaram que os responsáveis estão sempre presentes, onde sabemos que a família exerce papel fundamental nesse aspecto. A escola e a família promove um processo de desenvolvimento, que é a parte da formação do sujeito aprendente, o estudante que é a peça

principal, torna-se o elo entre a escola e a família, desse modo, deve haver uma reciprocidade pelas duas partes que se constitui, como família e escola (CHUSTE, 2004).

Ao serem indagados como é o comportamento dos alunos disléxicos os docentes assim se pronunciaram:

Prof. (A) *não se concentram durante as aulas, não faz perguntas, se distraem com facilidade.*

Prof. (B) *normal, as vezes por culpa de seus pais, eles costumam se sentirem “coitadinhos”, mas cabe ao professor conquistar e ganhar a confiança dos pais e do aluno.*

Prof. (C) *um pouco inseguro, agitado, com baixa auto estima.*

Prof. (D) *eu coloco sempre sentado perto do quadro e procuro estar mais presente em suas atividades.*

Prof. (E) *disperso, desatento, desmotivado, baixa auto estima, lentidão, apresenta muitos erros na realização das tarefas escolares escritas e apresenta recusa para realização de leituras orais.*

As professoras A, C e E demonstram maior conhecimento do comportamento dos seus alunos. De acordo com a literatura os alunos disléxicos costumam ser desatento, inseguro, desmotivado, lento e com baixa auto estima Chamat (2008).

No tocante a questão de como são realizadas às atividades de seus alunos disléxicos em sala de aula os mesmos assim se expressaram:

Prof. (A) *atenção especial, atividades lúdicas envolvendo o conteúdo abordado em sala de aula, fazendo-o vivenciar leituras de textos realizado com o auxílio da professora.*

Prof. (B) *as atividades são iguais ao demais alunos eu apenas dou uma assistência especial fazendo a leitura juntamente com eles.*

Prof. (C) *é necessário uma atenção maior nas atividades, tendo que ler por varias vezes as questões, incentivando-os a responder oralmente, para depois auxilia-lo na escrita.*

Prof. (D) *mediadas*

Prof. (E) *as atividades são feita oralmente, porém o aluno realiza muitas delas de forma escrita e, ao termino, eu médio de forma oral, a fim de observar e avaliar a compreensão da atividade e/ou conteúdo estudado.*

Nesse quesito que envolve atividades, todas as professoras ressaltaram que seus alunos disléxicos recebem atenção especial para a realização das atividades, especialmente, quando se refere à leitura e a escrita, tendo em vista que o aluno com dislexia tem dificuldades de compreender o que ler, dessa forma com o auxílio de um mediador torna-se mais fácil à compreensão do que está sendo proposto.

Sabemos que os principais sintomas da pessoa com dislexia é a grande dificuldade que o sujeito tem de ler e escrever, estudos relatam que muitas crianças disléxicas tem inteligência acima da média, portanto o seu grande problema é com os símbolos, ou seja, com as letras. A criança pode ter uns problemas na percepção de letra na ordem correta ou confunde letra de formato similar, como b com d e p com q. Ainda nesse sentido, a dislexia é vista em três tipos sendo elas, leve, moderada e severa Chamat (2008).

Na questão relativa de como são realizadas as avaliações desses alunos as participantes se colocaram na seguinte direção:

Prof. (A) *de forma clara objetiva e direta, evitando contextualizações.*

Prof. (B) *quando elaboro as avaliações, faço de forma que possa atender os meus alunos com dislexia. Leio a avaliação para todos e depois leio individualmente para ele, acompanho suas respostas e abaixo reescrevo o que foi dito por ele.*

Prof. (C) *não são diferenciadas. Porém, cada questão é lida uma a uma, esperando que o mesmo responda para depois ir a questão seguinte.*

Prof. (D) *mediadas.*

Prof. (E) *oralmente e dando um tempo maior na realização das mesmas. Também são feitas avaliações escritas e mediação oral das questões quando necessário, para que ele se preocupe em lembrar-se da resposta e organize a escrita da mesma.*

Podemos observar que apenas a professora (A) não citou a questão da mediação, no entanto, as outras deixam claro que as avaliações são mediadas para que a compreensão do que se pede seja entendida pelo sujeito disléxico, corroborando com Farrell (2008) no que diz: A criança disléxica pode ter mais facilidade em aprender quando tem alguém mediando as atividades, pois essa é uma das recomendações.

Finalmente, a serem solicitadas que apresentassem sugestões para a melhoria da aprendizagem do aluno com dislexia, tendo em vista a importância da questão passamos a analisar fala por fala como veremos a seguir:

Prof. (A) *um acompanhamento dos pais nas atividades psicopedagógica para melhor aquisição do desenvolvimento do alunos.*

Nesse sentido, cabe ressaltar que o acompanhamento dos pais é essencial para o bom desempenho do filho na escola, a família e a escola devem andar juntas, ou seja, uma complementa o trabalho da outra. Quando isso não acontece, o aprendizado torna-se ineficiente deixando lacunas em seu processo, segundo a visão de Chuste (2004).

Prof. (B) *não é tão simples dar assistência para um aluno disléxico em sala de aula. Tenho sorte de trabalhar com apenas 23 alunos onde 2 são disléxicos, além da escola ser particular. Nós desenvolvemos um projeto de leitura com os alunos e este projeto tem feito com que estes alunos mostrem interesse pela leitura. O professor deve incentivar a leitura com dinamismo para que eles sintam o desejo de vir para a escola e aprender a ler. O amor também faz parte desse processo, eles precisam de amor para se sentirem capazes. Quando o professor conquista esse aluno, ele consegue maior apoio dos pais e o trabalho avança.*

O professor em sala de aula é a autoridade máxima, no entanto, é importante lembrar que essa autoridade deve ser equilibrada de modo que o aluno sintam-se seguro e não tenha medo de se expressar durante as aulas, o afeto e a segurança faz parte da dinâmica entre professor aluno, sendo assim o aprendizado ocorre de maneira gradual e espontânea como bem coloca Porto (2011).

Prof. (C) *as escolas devem dar maior assistência ao professor e ao aluno, no que diz respeito as atividades. Acompanhamento psicopedagógico e interação com a família e profissionais que acompanham a criança.*

Neste caso a escola e a família ganham destaque, pois fica evidente que quando entendemos que a família e a escola caminham na mesma direção consequentemente o aprendizado ocorre de maneira adequada no aprendente, independente de dificuldade ou não o que está em sintonia com o pensamento de Chuste (2004).

Prof. (D) *sugiro que as provas seja feitas fora de sala com um “líder” e que as atividades de sala sejam diferenciadas.*

A professora (D), em sua fala, sugere a exclusão do aluno disléxico, onde a cada dia estamos trabalhando em favor da inclusão, ou seja, o aluno nunca deve sair de sala para a realização de uma atividade separado dos colegas de sala como salienta Chuste (2004).

Prof. (E) *sugiro que tenham um acompanhamento multidisciplinar com profissionais capacitados para ajudá-los como: psicopedagogo, fonoaudiólogo etc; sugiro também que sejam feitas atividades adaptadas as quais envolvam a consciência fonológica. O conteúdo programático deve ser dado de forma clara e objetiva e devem ser usados exemplos e situações práticas durante toda a aula. Informações sobre a dislexia do aluno a fim de poder ajudá-lo efetivamente, incluí-lo em todas as atividades, fazendo com que contribua com o que tiver de melhor reforçando sua auto estima,*

*possibilita ao aluno o uso de tabuada, calculadora e fórmula escrita. Considerando e lembrando que o aluno disléxico deve ter preservado a capacidade de raciocínio matemático.*

Tal fala aparece com várias sugestões como bem coloca Chamat (2008). Quando os autores se referem à questão biopsicossocial (que está mais explícito no referencial teórico) nos mostra que os exercícios de estimulação, trabalhar a auto-estima, frustração entre outros, ajudam no desenvolvimento escolar do sujeito com dificuldades de aprendizagem.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo realizado para o alcance dos objetivos descritos, na introdução desse trabalho, apoiou-se teoricamente em um aporte que envolveu questões da aprendizagem do aluno com dislexia. O artigo ora apresentado é fruto de uma pesquisa de campo na qual nos propomos conhecer e aprofundar uma realidade específica. A mesma, quanto a análise, consistiu em uma abordagem qualitativa, onde procuramos seguir com rigor um plano previamente estabelecido.

Mediante os resultados obtidos constatamos a consecução dos objetivos propostos. Desse modo, damos maior ênfase as questões considerada “chave” para a compreensão das categorias selecionadas: *atividades, avaliações e sugestões*. Na categoria atividades a mediação figura em destaque, demonstrando a importância de tal categoria na ação pedagógica junto ao disléxico.

Quanto a categoria avaliação fica evidenciado a ligação com a categoria mediação, pois apenas uma professora não deixou claro a questão da mediação, mas isso não significa que a mesma não faça um trabalho mediado como sugere as demais, sendo assim, podemos considerar um trabalho positivo diante dos resultados esperados.

Na categoria sugestão uma fala nos chamou a atenção, ao verbalizar que: *“sugiro que as provas sejam feitas fora de sala com um “líder” e que as atividades de sala sejam diferenciadas”*. Existe o trabalho já há algum tempo voltado para as políticas de inclusão, em alguns estudos feitos a esse respeito está voltado justamente para que todos possam estar juntos em um mesmo ambiente, cabe aos professores fazer a diferença e aprender a lidar com estas novas situações ou estará fazendo um trabalho de exclusão.

Ressaltamos ainda que, como foi dito pelas demais professoras, o aluno disléxico deve ter um acompanhamento diferenciado dos demais alunos. Vejamos o que diz a professora (C) *“as escolas devem dar maior assistência ao professor e ao aluno, no que diz respeito às atividades. Acompanhamento psicopedagógico e interação com a família e profissionais que acompanham a criança”*. Neste caso, a literatura nos remete justamente isso, um acompanhamento adequado e com o apoio da família.

Ao término deste trabalho, algumas limitações foram encontradas como: O curto espaço de tempo para a realização da pesquisa; o difícil acesso as professoras por intermédio da instituição,

tendo em vista que se tratava de início de período de férias e as escolas alegavam falta de tempo dos professores para se dedicarem a responder o questionário; demora, em algumas instituições, para falar com o professora para que ela pudesse responder o questionário, além das numerosas idas às escolas na tentativa de fazer a pesquisa.

Porém, diante de todos os entraves encontrados, vale salientar que foi gratificante a realização deste estudo, pois acredito, enquanto futura psicopedagoga, ter contribuído para a ampliação das pesquisas no campo da dislexia, abrindo espaços para a realização de novos estudos.

## **TEACHING STRATEGIES FOR THE DEVELOPMENT OF LEARNING STUDENTS WITH DYSLEXIA**

### **ABSTRACT**

This article is the result of a research, type collection of data, carried out by teachers who work in private elementary schools in the city of João Pessoa, which goal was to investigate teaching strategies for development of lifelong learning for students with dyslexia. From a point of view related to methodological issues which involve teachers of students with dyslexia, we seek to describe teaching strategies used by these teachers with their students; how the activities and assessments of the student with dyslexia is performed, aside from offering suggestions related to educational pedagogical practice which can contribute for enhancement of students of dyslexia. Five teachers of great private schools from João Pessoa – Paraíba participated of the research. Data were collected using a questionnaire with nine questions, which were related to teachers' education issues with the dyslexic student. The results indicated that most of the teachers who were involved in the research know how to work with dyslexic students, that the teaching strategies used by them are the same as the ones described in the literature. The paper concludes that the results may reinforce the contribution for teaching students with dyslexia, and contributes in institutional education psychology performance.

**Keywords:** Learning. School. Dyslexia.

### **REFERÊNCIAS**

ALVES, Luciana Mendonça. MOUSINHO, Renata. CAPELLINI, Simone Aparecida. **Dislexia:** novos temas, novas perspectivas. Rio de Janeiro: wak editora, 2011.

BOCK, Ana M. Bahia. FURTADO, Odair. TEIXEIRA, Maria de Lourdes. **Psicologia - Uma** Introdução ao estudo de Psicologia. São Paulo: Saraiva, 2009.

BOSSA, Nadia A. **A Psicopedagogia no Brasil.** Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Artes Médicas Sul, 2000.

CHAMAT, Leite Sara José. **Técnica de intervenção psicopedagógica:** para dificuldades e problemas de aprendizagem. São Paulo: Vetor, 2008.

CHUSTER, Léa. A família na escola e a escola na família. In POLITY, Elizabeth. (org.). **Psicopedagogia:** um enfoque sistêmico: terapia familiar nas dificuldades de aprendizagem. 1. ed. São Paulo: Vetor, 2004.

FARREL, Michael. **Dislexia e outras dificuldades de aprendizagem específica: guia do professor.** Porto Alegre: Artemed, 2008.

FERNÁNDEZ, Alicia. **Os Idiomas do Aprendente: Análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

MAIA, Heber. **Necessidades Educacionais Especiais.** Rio de Janeiro: Wak, 2011.

NUNES, Ana Inez Belém Lima; SILVEIRA, Rosemary Nascimento. **Psicologia da aprendizagem: processos, teorias e contextos.** Brasília: Liber Livro, 2009.

PORTO, Olívia. **Psicopedagogia Institucional: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico.** 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2007.

\_\_\_\_\_. **Bases da Psicopedagogia: Diagnóstico e Intervenção nos problemas de aprendizagem.** 5. ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2011.

RIESGO, Rudmar dos Santos. Anatomia da aprendizagem. In: ROTTA, Newra Tellechea. **Transtornos da aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

ROTTA, Newra Tellechea. **Transtornos da aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

SELIKOWITZ, M. **Dislexia e outras dificuldades de aprendizagem.** Rio de Janeiro: Rev inter, 2001.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

## APÊNDICE A – Questionário para a aplicação da pesquisa

### QUESTIONÁRIO

Os questionamentos abaixo configuram-se em uma pesquisa de campo a cerca das **ESTRATÉGIAS DE ENSINO PARA O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DE APRENDENTE COM DISLEXIA**. Neste contexto, convidamos Vossa Senhoria a contribuir com essa pesquisa respondendo as reflexões abaixo. Responda fidedignamente as questões para que sua participação possa revelar a realidade vivenciada no contexto escolar. Não será disponibilizado nenhum recurso financeiro para os participantes. Seu nome e dados pessoais serão mantidos em absoluto sigilo. **Caso não queira colocar o seu nome use um pseudônimo.**

Dados Sócios Demográficos:

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Sexo ( ) Masculino ( ) Feminino

Formação(es) \_\_\_\_\_

Trabalha em quantas escolas? \_\_\_\_\_

Há quanto tempo exerce a profissão? \_\_\_\_\_

- 1) Você se sente seguro(a) em trabalhar com o aluno disléxico? ( ) Sim ( ) Não.
- 2) Recebe apoio de algum profissional para elaborar atividades do seu aluno disléxico? ( ) Sim ( ) Não qual profissional? \_\_\_\_\_
- 3) Você tem dificuldade em trabalhar com esse aluno em sala? ( ) Sim ( ) Não.
- 4) Em relação aos pais, eles são presentes ou ausentes no que se refere ao apoio escolar? ( ) Presente ( ) Ausente.
- 5) Como era ou é o comportamento dos seus alunos disléxicos? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- 6) Como são realizadas as atividades com esse aluno em sala de aula? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- 7) Como são feitas as avaliações desses alunos? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- 8) O que você sugere para a melhoria da aprendizagem do aluno com dislexia \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**ANEXO A – Carta de compromisso**

*Universidade Federal da Paraíba*  
 Centro de Educação  
 Curso de Psicopedagogia

João Pessoa, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**CARTA DE COMPROMISSO DO ALUNO**

Eu, \_\_\_\_\_, matrícula \_\_\_\_\_, aluno regularmente matriculado no curso de Psicopedagogia, solicito a orientação do(a) professor(a) \_\_\_\_\_ do Departamento de \_\_\_\_\_ da Universidade Federal da Paraíba, para meu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, cuja conclusão deverá ocorrer no período \_\_\_\_\_.

Por meio desta, deixo registrado meu compromisso para finalizar o trabalho no tempo vigente, sob a orientação do referido professor, assim como a possibilidade de cancelamento de orientação pelo professor orientador em função do não cumprimento dos prazos estabelecidos pela Coordenação do Curso de Psicopedagogia.

Sem mais,

Atenciosamente,

\_\_\_\_\_  
 Aluno (a) do Curso de Psicopedagogia

\_\_\_\_\_  
 Professor (a) Orientador (a) - Matrícula SIAPE \_\_\_\_\_

ELIZABETH DE SOUSA LIMA

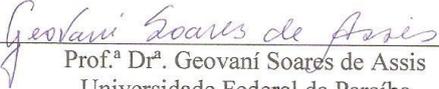
ESTRATÉGIAS DE ENSINO PARA O DESENVOLVIMENTO DA  
APRENDIZAGEM DE ESCOLARES COM DISLEXIA

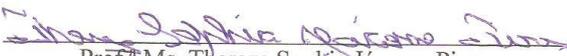
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
curso de Bacharelado de Psicopedagogia do  
Centro de Educação da Universidade Federal da  
Paraíba, como requisito parcial para a obtenção  
do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Geovani Soares de  
Assis

Aprovado em: 30/08/2014.

BANCA EXAMINADORA

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Geovani Soares de Assis  
Universidade Federal da Paraíba

  
Prof.<sup>a</sup> Ms. Thereza Sophia Jacome Pires  
Universidade Federal da Paraíba